

VILÉM FLUSSER A crise de petróleo.

Pode ser encarada como crise do Ocidente. Politicamente está obrigando o Ocidente a abandonar Israel, (cabeça de ponte ocidental), ao Oriente. Economicamente está demonstrando a fragilidade do sistema supercomplexo ocidental e sua dependência de matérias que o Ocidente não sabe controlar, embora ele próprio as tenha desenvolvido. Culturalmente está provando o quanto a vida no Ocidente continua dependendo de dados naturais, embora sua meta seja o domínio da natureza. Pois admitindo que a crise do petróleo é crise do Ocidente, mesmo assim podemos interpretá-la de várias maneiras.

Por exemplo dramaticamente: A luta heróica dos judeus contra forças para eles inatingíveis, (por agirem em nível diferente do seu), tem todas as características da tragédia grega. A fragilidade da economia ocidental, para a qual um único fator, em si desprezível, pode resultar em catástrofe, e a qual nunca pode dominar seu funcionamento pelo número incontrolável de fatores, tem todas as características de "hybris" e sua queda. O fato que valores tão intangíveis como o é a liberdade de movimento continuam dependendo de coisas tão materiais como o são poços petrolíferos, e o fato que tais coisas materiais estão rareando, tem todas as características da vingança dos deuses, ("moira"). Em suma: vista dramaticamente, a crise se revela um aspecto do mito de Prometeu.

Ou por exemplo otimisticamente: Os árabes estão incentivando a Europa para transformar-se em Terceira Potência também politicamente, e isto acabará reforçando o Ocidente. A falta de petróleo provocará a descoberta ou invenção de outras fontes de energia em prazo provavelmente curto, isto incentivará a economia para mais um "milagre", e acabará reforçando o Ocidente. A crise petrolífera incentivará os ocidentais a criarem novas maneiras de vida, (mais "ambientais", como se costuma dizer agora), apressará a superação da cultura do automóvel, e acabará reforçando o Ocidente. Em suma: vista otimisticamente, a crise se revela um típico "desafio".

Ou por exemplo moralmente: A crise revela que a chantagem é método de persuasão mais eficiente que a violência crua. Revela que a consciência ética não funciona, porque o chantageado, (o Ocidente), tende a incriminar não o sequestrador, (os cheiques), mas o sequestrado, (os judeus). Revela, por outro lado, que o saque do Terceiro mundo pelo Ocidente é processo que pode ser invertido. Revela que existe uma espécie de justiça automática que faz com que a supercomplexidade tenda para o caos, (economia), e que a natureza se vingará do homem que a violenta. Em suma: vista moralmente, a crise revela que, nas palavras de Werfel: "não o assassino, o assassinado é o culpado".

Ou por exemplo estruturalmente: A crise revela que decisões políticas ou são meras articulações de determinações econômicas, ou gestos demagógi-

VILÉM FLUSSER  
cos inoperantes. Revela que a estrutura da economia, (que determina o comportamento político), alcançou um grau de complexidade no qual passa a ser vulnerável para intervenções aleatórias que não são, por sua vez, economicamente determinados. (Os atos dos Estados Unidos e da União Soviética são determinados por uma economia que é vulnerável a atos de cheiques que são determinados pelas mais fantásticas ideologias.) Revela que projetos culturais são determinados por dados econômicos que são determinados por dados naturais que são determinados pelo acaso. (O projeto de fazer ski é determinado pela gasolina que é determinada pelo petróleo que, casualmente, se encontra no Golfo Pérsico e não nos Alpes.) Em suma: vista estruturalmente a crise revela que toda hierarquia de estruturas, (divisão em infra- e superestruturas), é questão de ponto de vista e de momento. E que a complexidade de dadas estruturas em determinados níveis pode corresponder, em dado momento, a grande simplicidade das estruturas em outros níveis.

Por certo: todas essas visões da crise são apaixonantes. E todas elas correm em jornais e publicações da Europa, (embora talvez não sistematizadas como o fez o presente artigo). Mas existe um ponto de vista que ainda não encontrei na imprensa. Talvez por não ser conveniente aos que dirigem, controlam, escrevem e lêem a imprensa. Mas o qual, não obstante, merece ser assumido por todos aqueles que estão interessados na superação da crise. Este:

A crise é acontecimento original na história do Ocidente. Revela, pela primeira vez concretamente, que o progresso tecnológico está se aproximando de um limite de disponibilidade dos objetos manipuláveis. Com ou sem árabes o petróleo durará apenas mais alguns anos. (Dizer "de quem é: nosso ou deles" passa a ser infantilidade.) Doravante haverá toda uma série de crises do mesmo tipo: a do cobre, do papel, do estanho, da água. Todas elas chantageáveis, e todas elas superáveis por substituição de uma matéria por outra. Pouco importa. O importante é que serão crises deste tipo que marcarão doravante o progresso da tecnologia. É neste sentido que a crise do petróleo é crise do Ocidente: por ser crise da tecnologia. Deterei meu argumento um pouco neste ponto.

Há pouco mais de dois mil anos um projeto se desenvolveu nas margens do Mediterrâneo oriental que visa, entre outras coisas, manipular a natureza como se fosse matéria prima. Há pouco mais de quatrocentos anos foram inventados os métodos apropriados a tal projeto. Há pouco menos de duzentos anos tais métodos passaram a ser utilizados. Durante esse tempo todo sempre havia gente que questionava a sabedoria do processo todo. Tal gente questionava e contestava o projeto da cultura do Ocidente. Mas ninguém

VILÉM FLUSSER

questionava a sua viabilidade. Aliás, isto teria sido absurdo. O projeto avançava, e avançava com desprezo sorridente pelos seus contestadores. De repente surge, com a crise do petróleo, a pergunta se e por quanto tempo ainda o projeto ocidental é viável. Prova que tal projeto está se aproximando de um ponto crítico no seu curso.

Não se trata, tanto, de um problema da teoria. Teóricamente o projeto pode avançar por prazo indeterminável, porque o número dos objetos naturais manipuláveis, e o número de tipos de objetos naturais manipuláveis, é muito grande, (talvez infinito). Trata-se, muito mais, de um problema da praxis. Praticamente o projeto manipulador está alcançando um estágio no qual avançar mais na mesma direção em busca de sempre novos objetos a serem manipulados pode vir a ser empresa obviamente contraproducente. O esforço gasto pode vir a superar o resultado alcançável. É nestes termos que se coloca a questão da futura viabilidade do projeto do Ocidente.

Embora problema prático, exige, para ser resolvido, que seja considerado teóricamente. Talvez se torne necessário repensar o conceito da natureza enquanto objeto humano, do homem enquanto sujeito da natureza, e da cultura enquanto humanização da natureza e naturalização do homem. Mas repensar tudo isto em termos existencialmente concretos, em termos de automóveis parados aos domingos e aquecimentos mornos. Para dar dois exemplos das direções nas quais um tal repensar da cultura do Ocidente poderia mover-se: O movimento "Terceiro mundo", tal como se articulou recentemente na Argélia, parte da premissa que os dois mundos desenvolvidos consideram o terceiro como "objeto manipulável". Dada a crescente raridade de objetos disponíveis, demonstrada pela crise do petróleo, o Terceiro mundo pode assumir-se "objeto raro" e assim inverter, revolucionariamente, os termos da relação existente. Como se coloca tal movimento no contexto da crise da viabilidade do Ocidente? E superação da crise, é aniquilamento do Ocidente, ou é transferência do projeto ocidental para terreno novo? Segundo exemplo: O movimento "hippie" e da "nova esquerda" parte da premissa que o progresso deve mudar de rumo, deixar de manipular objetos palpáveis e passar a manipular ideias, sentimentos e visões para permitir ao homem que se mude a si próprio. E superação da crise, é aniquilamento do Ocidente, ou é transferência do projeto ocidental para terreno novo? E há outras direções para as quais uma pesquisa dos fundamentos do projeto ocidental poderia mover-se.

Os filósofos, os hippies, os subdesenvolvidos e o Clube de Roma questionam o Ocidente. Mas a crise do petróleo o faz mais concretamente. Talvez poderá obrigar-nos a repensar o Ocidente em termos mais concretos? E assim reformulá-lo e salvá-lo? O Ocidente nunca foi pobre em ideias, e não é pobre nem atualmente. Neste sentido continua sendo perfeitamente viável.